

Cristina Costa Vieira,
Ana Rita Carrilho
e Pedro Guilherme
(Orgs.)

SOPHIA

DE MELLO BREYNER ANDRESEN

A CONTEMPORANEIDADE DOS CLÁSSICOS



Ousar viver a inteireza do possível

João Carlos Firmino Andrade de Carvalho
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve
Investigador do CLEPUL e do CIAC

Resumo

Propõe-se uma leitura da poesia de Sophia que entrecruza um certo período histórico dos portugueses – o dos Descobrimientos – com a historicidade pessoal da própria poeta dando origem a uma das suas obras mais encantadoras – *Navegações*. *Navegações* é, precisamente, essa mistura da viagem ao passado (o histórico e literário) com a viagem ao interior de si-própria e da sua conceção de poesia. Uma viagem a Macau desencadeia essas outras viagens, esses encontros (exterior e interior), esses múltiplos ecos, essas diversas conexões entre tempos, espaços, palavras, coisas, desvendamentos.

Palavras-chave: Viagens, Encontros, Desvendamento, Essencialidade do Ser.

Abstract

It is proposed a reading of the poetry of Sophia that crosses a certain historical period of the Portuguese – that of the Discoveries – with the personal historicity of the poet herself giving rise to one of her most enchanting works – *Navigations*. *Navigations* is precisely this mixture of the journey to the past (the historical and literary) with the journey to the interior of itself and its conception of poetry. A trip to Macau unleashes

these other journeys, these encounters (outer and inner), these multiple echoes, these various connections between times, spaces, words, things, revelations.

Keywords: Travels, Encounters, Unveiling, Essentiality of Being.

A dicção não implica estar alegre ou triste
Mas dar a minha voz à veemência das coisas
E fazer do mundo exterior substância da minha mente
Como quem devora o coração do leão
(...)¹

Interessam-me particularmente, em Sophia de Mello Breyner Andresen, as temáticas interrelacionadas da Viagem, do Mar e do Encontro intercultural e civilizacional, tal como as encontramos no seu belíssimo livro de poemas de 1983, intitulado *Navegações*. Deve-se o aparecimento de tal obra ao convite que foi endereçado à Poeta, em 1977, pelo Conselho da Revolução para ir a Macau para integrar as celebrações do Dia de Camões – justificação dada pela própria no final do livro². Quando na ida sobrevoava a costa do Vietname, percebe que estava a entrar, qual portal mágico, numa outra e maravilhosa geografia que desconhecia – o Oriente, a Ásia – e com a qual estava a ter um primeiro contacto, tal como acontecera no século XVI com os europeus/os portugueses. Os poemas deste livro terão tido a sua génese na sua imaginação e maravilhamento decorrentes desse primeiro contacto, ressoando neles a história, o passado coletivo dos

¹ Sophia de Mello Breyner Andresen, "Arte poética", *Búzio de Cós e outros poemas*, Lisboa, Caminho, 2004, p. 8.

² Edição utilizada: Sophia de Mello Breyner Andresen, *Navegações*, Lisboa, Assírio & Alvim – chancela da Porto Editora [1.ª ed. 2015], reimpresso em 2017, 5.ª ed., p. 63-64.

ers (outer and inner), these
nections between times,

iling, Essentiality of Being.

mplica estar alegre ou triste
oz à veemência das coisas
substância da minha mente
devora o coração do leão
(...)¹

e, em Sophia de Mello
relacionadas da Viagem,
e civilizacional, tal como
vro de poemas de 1983,
arecimento de tal obra ao
em 1977, pelo Conselho
integrar as celebrações
ada pela própria no final
a a costa do Vietname,
ortal mágico, numa outra
lhecia – o Oriente, a Ásia
neiro contacto, tal como
europeus/os portuque-
do a sua génese na sua
orrentes desse primeiro
, o passado coletivo dos

te poética”, *Búzio de Cós e*
p. 8.

ner Andresen, *Navegações*,
Porto Editora [1.ª ed. 2015],

portugueses (mais do que a gesta, a desocultação), bem como de algumas das suas vozes literárias/poéticas mais significativas. Conservo comigo uma edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sob os auspícios do Comissariado da XVII.ª Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, em que os poemas, em boa grafia e bom papel, surgem acompanhados por algumas belas imagens – mapas portugueses da época dos Descobrimentos (de Luís Teixeira; de Lopo Homem-Reinéis; de Fernão Vaz Dourado) – cumprindo-se, deste modo, a explícita vontade da Poeta. Além disto, esta edição é trilingue, com a tradução para o francês da autoria de Joaquim Vital e para o inglês de Ruth Fainlight³.

Vamos evoluindo nas páginas do livro e temos a sensação de estarmos perante instantâneos e fragmentários painéis, simultaneamente do passado histórico/da expansão portuguesa dos séculos XV e XVI e da luminosa essencialidade poética de Sophia.

Navegações apresenta-se-nos com uma organização pseudo-diarística em que a 1.ª parte mostra poemas dos anos 70 (1977 e 1979) e a 2.ª parte, dos anos 80 (todos de 1982, exceto um de 1978, que bem poderia funcionar como a conclusão exclusiva da 1.ª parte). Naturalmente que tal notação diarística se prende com a intenção de amarrar os poemas à historicidade pessoal da Poeta, dando-nos a ver duas fases distintas (anos 70 e anos 80; passado da viagem realizada e fase do presente dos anos 80).

O livro abre com o poema “Lisboa”, nome dito para ver melhor uma cidade que assim se abre e se mostra⁴, cidade

³ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Navegações*, Lisboa, IN-CM, 1983.

⁴ O caráter mágico-ritualista da poesia imanente-transcendente de Sophia resulta dessa forte motivação entre significante e significado, da identificação da palavra com a coisa. A poesia é um dizer-acontecer,

ambivalente do ser e do não-ser, capital de um império no passado, lugar de partida e de chegada das naus que cruzavam os oceanos, lugar de máscaras, conluios e intrigas surdas, lugar de poder e de misérias, anti-pátria da vida.

Em seguida, surge uma série de 7 poemas – intitulada “Ilhas” (lugares a descobrir; lugares do desejo e da utopia) – em que a sua visita ao Oriente se funde com a grande aventura marítima dos portugueses nos séculos XV e XVI.

De repente, vemo-nos conjuntamente com a Poeta e os marinheiros portugueses a navegar para Oriente, sentindo claramente ressoar, nos poemas I e III, a voz de Camões n’*Os Lusíadas* (estâncias 19 e 43, Canto I)⁵.

Os olhares da Poeta e dos marinheiros vão-se confundindo à medida que se entra no desconhecido através desse mágico portal de safiras azuis no mar luzente (poema II), tornando-se explícita, no poema IV, a citação do verso da *Divina Comédia* (*Purgatório*, Canto I, terceto 5) de Dante. O olhar da Poeta deixa, nesses casos, de ser uma visão de cima/vertical para ser uma visão horizontal. Tal portal tem, naturalmente, um primeiro equivalente histórico – a ultrapassagem, por Bartolomeu Dias, do Cabo das Tormentas, passando a ser designado por Cabo da Boa Esperança (referência ao navegador que, no entanto, não chega à Índia e que desaparecerá nas águas revoltas do Atlântico sul quando seguia na frota de Pedro Álvares Cabral para a Índia e a quem a Poeta dedica o poema IV da 2.^a parte – “Deriva”). Mas também é lícito situar tal portal simbólico em geografias mais a oriente.

dizer o nome da coisa é fazê-la ser no próprio ato: dizer “Lisboa” e a cidade revelar-se magicamente. Cf. *O Nome das Coisas*.

⁵ Cf. o que diz Eucanaã Ferraz no “Prefácio”, Sophia de Mello Breyner Andresen, *Navegações*, Lisboa, Assírio & Alvim, nota 20, p. 20.

tal de um império no
da das naus que cru-
s, conluios e intrigas
anti-pátria da vida.
7 poemas – intitulada
esejo e da utopia) – em
om a grande aventura
XV e XVI.

nte com a Poeta e os
ara Oriente, sentindo
a voz de Camões n'Os

os vão-se confundindo
através desse mágico
oema II), tornando-se
so da *Divina Comédia*
ite. O olhar da Poeta
de cima/vertical para
m, naturalmente, um
passagem, por Barto-
passando a ser desig-
erência ao navegador
que desaparecerá nas
lo seguia na frota de
uem a Poeta dedica o
também é lícito situar
s a oriente.

rio ato: dizer “Lisboa” e a
e *das Coisas*.

Sophia de Mello Breyner
vim, nota 20, p. 20.

É muito interessante que o despertar da atenção e interesse pelo desconhecido tenha sido despoletado no exato momento em que o seu avião sobrevoava o Vietname. O Estremo Oriente, os mares da China foram, no século XVI, as geografias mais radicais de estranheza e desconhecido preferencialmente percorridas/frequentadas por aqueles *transfrontiermen* que tentavam a sua sorte em lugares longínquos, muitas vezes praticando ações violentas, fora da lei e da moral cristã. Era o espaço geográfico asiático-oriental que escapava ao controlo mais imediato da administração e da igreja católica portuguesas, sediadas em Goa, na Índia. Aliás, não por acaso, uma das críticas à administração errada do império, muito repetidas em autores desta época, era a de que Malaca, e não Goa, deveria ter sido o lugar mais adequado para sede do império português do Oriente, dado situar-se num ponto nevrálgico dos intensos e extraordinários fluxos de tráfego comercial de mercadorias da região. Esse Oriente mais extremo era o espaço geográfico que escapava ainda mais aos mapas⁶, onde a realidade excedia sobremaneira a imaginação⁷, e onde – permitam-me acrescentar esta referência – se movia uma outra figura literária quinhentista de relevo – Fernão Mendes Pinto – em cuja *Peregrinação* a crítica indireta aos portugueses é colocada na boca da criança sábia ou do centenário ancião chinês para expor a cupidez, desumanidade e desrespeito pelo Outro de alguns desses aventureiros como António de Faria e seus homens (processo de autocritica precursora dos utilizados por autores

⁶ Ver Poema VI, “Navegavam sem o mapa que faziam/...”, p. 40.

⁷ Ver Poema V, “Ali vimos a veemência do visível/ O aparecer total exposto inteiro/ E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar/ Era o verdadeiro”, p. 39.

iluministas franceses)⁸. Voltando às *Navegações* de Sophia, refira-se que a primeira parte encerra com o breve poema-dístico sobre D. Sebastião (poema VII), aludindo-se à difícil ultrapassagem do trauma da sua ausência e à necessidade de seguir em frente dando finalmente um rosto à morte do brumoso rei-mito.

A segunda parte compõe-se de 17 poemas e intitula-se "Derivas". De facto, é de derivas poéticas pelo passado coletivo dos portugueses – o das Descobertas – mas também de derivas pela contemporaneidade, que aqui se trata. As novas rotas marítimas que alteraram o mundo de então são aqui revisitadas pelo olhar coincidente ou des-coincidente da Poeta relativamente às personagens identificáveis ou anónimas relacionadas com determinados acontecimentos. É a sugestão da navegação junto à costa africana e a sua exploração, a referência às praias exóticas e à nudez dos marinheiros/marujos⁹, mas também àqueles que pereceram nos múltiplos naufrágios de que falam os dramáticos e pungentes relatos da História Trágico-Marítima, coligidos, no século XVIII (1735-36), por Bernardo Gomes de Brito (ver poema III); é a referência ao sucesso/insucesso de Bartolomeu Dias (poema IV) e, eventualmente, de Pêro da Covilhã – e sua demanda do Preste João (poema VIII); é o contínuo espanto na descoberta do Brasil¹⁰, da Índia¹¹ e da China (as novas estranhezas)¹², cruzando três oceanos; é o lado negro da cupidez humana de que fala o Velho do Restelo n'Os *Lusíadas*¹³; mas é também

⁸ Ver na *Peregrinação*, p. e., o célebre episódio da ilha de Calemply.

⁹ Tópico recorrente na poesia de Sophia, ver "Prefácio" de Eucanaã Ferraz, Sophia de Mello Breyner Andresen, *Navegações*, 2017.

¹⁰ Ver poemas V, VI e VII.

¹¹ Poema IX (?)

¹² Poemas X e XI.

¹³ Poema XII.

Navegações de Sophia, a com o breve poema-II), aludindo-se à difícil sênica e à necessidade e um rosto à morte do

17 poemas e intitula-poéticas pelo passado cobertas – mas também, que aqui se trata. As o mundo de então são rite ou des-coincidente gens identificáveis ou rados acontecimentos. costa africana e a sua xóticas e à nudez dos reles que pereceram nos dramáticos e pungentes oligidos, no século XVIII brito (ver poema III); é a artolomeu Dias (poema hã – e sua demanda do espanto na descoberta s novas estranhezas)¹², da cupidez humana de *fadadas*¹³; mas é também

ódio da ilha de Calempuy. ver “Prefácio” de Eucanaã, *Navegações*, 2017.

a celebração do encontro civilizacional, nas praias do Brasil, vertida num dos mais belos textos da literatura de viagens da época e que Sophia aqui homenageia – a Carta do achamento do Brasil de Pêro Vaz de Caminha (ver glosa no poema V): lugar da nudez dos adâmicos homens pardos que dançavam para sustentar o céu e que dançavam com os marinheiros que julgaram serem seus antigos deuses, estabelecendo-se, deste modo, através da *dança*¹⁴, uma certa forma de primitiva e ritualizada comunicação entre os dois lados.

A segunda parte inclui ainda as duas referências ao presente contemporâneo de Sophia: a Fernando Pessoa, não o da *Mensagem*, mas ao opaco e esquivo Pessoa que se esconde por detrás dos diversos heterónimos (poema XIII) e ao seu amigo e viajante exilado Jorge de Sena, com o qual Sophia tanto se identifica e que diz invocar no poema XIV.

O livro *Navegações* tem um poema “final” – o poema do regresso (“Inversa navegação/...”) ¹⁵ ao lugar de partida, Lisboa – e que é uma primeira conclusão da experiência pessoal (da Poeta) e coletiva (da época dos Descobrimentos portugueses) onde se reencontra uma cidade entediante, cinzenta e desolada, onde o rio Tejo não chega. Como diz Sophia: este é um poema sobre as diversas Reboleiras de Lisboa, atrozes e sem Tejo¹⁶. Uma “Lisboa anti-pátria da vida”. O eixo semântico da profunda consciência da (in)justiça social que para este poema conflui foi sendo detetável na linha crítica à gesta épica dos Descobrimentos que nos revela o lado escondido deste processo histórico (Velho do Restelo, *História Trágico-Marítima*, mito de D. Sebastião, Jorge de Sena). Pela datação deste poema XV – 1978 – percebemos

¹⁴ Que Sophia dizia dever escrever-se com “s” e não com “ç” sentado.

¹⁵ Poema XV.

¹⁶ Ver nota 7, Sophia de Mello Breyner Andresen, *Navegações*, p. 62.

fazer parte daquela série inicial de poemas que constituiu o núcleo inicial do livro.

Mas os poemas verdadeiramente conclusivos de *Navegações* são os dois últimos: o poema XVI (“Há no rei de Chipre/...”) e o poema XVII (“Estilo manuelino:/...”). Ambos sublinham a essencialidade deste livro. A estátua do rei do Chipre conduz o olhar da Poeta para o seu mistério intrínseco de hibridez, mistura cultural euro-asiática, remetendo-nos, deste modo, para a rica e multiforme história da ilha cipriota inserida no contexto da história mediterrânica. A estátua do rei cipriota é, assim, uma primeira ilustração possível do mistério do objeto de desejo – as inalcançáveis *ilhas* de Sophia. Uma outra ilustração possível é a própria definição do *estilo manuelino* enquanto estilo resultante da agregação de culturas e civilizações, enquanto estilo resultante do encontro de línguas, culturas, religiões, etnias e realidades tão distintas quanto as que se juntaram nessa grande aventura marítima da deriva da humanidade. As navegações para Oriente dos portugueses e as da Poeta, enquanto *epopeias do espanto*, são viagens iniciáticas com vista a formas de revelação divina da verdade aos homens e à Poeta (aos homens, os deuses deixam sinais, mas aos eleitos é reservada a Quintessência divina); são formas de *descobrir* e, neste sentido, de desvendar a alteridade exterior e interior para aceder à veemência da verdade, à inteireza do possível; no limite, para aceder à claridade da sabedoria suprema do Ser/Existência.

Termino com uma nota final em jeito de parênteses: atente-se no facto de, nos dois poemas conclusivos a que nos acabámos de referir, estarem presentes as duas *palavras-título* de cada uma das sequências do livro *Navegações*: a palavra “ilhas” e a palavra “deriva”. Acaso ou necessidade?

demas que constituiu o

e conclusivos de *Nave-*
ma XVI (“Há no rei de
manuelino:/...”);. Ambos
ro. A estátua do rei do
o seu mistério intrínseco
siática, remetendo-nos,
e história da ilha cipriota
diterrânica. A estátua do
tração possível do mis-
nçáveis *ilhas* de Sophia.
ópria definição do *estilo*
e da agregação de cultu-
resultante do encontro de
realidades tão distintas
rande aventura marítima
gações para Oriente dos
to *epopeias do espanto*,
ormas de revelação divina
(aos homens, os deuses
servada a Quintessência
neste sentido, de desven-
para aceder à veemência
; no limite, para aceder à
o Ser/Existência.
em jeito de parênteses:
demas conclusivos a que
esentes as duas *palavras-*
as do livro *Navegações*: a
. Acaso ou necessidade?

Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *Navegações*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- _____, *O Búzio de Cós e Outros Poemas*, Lisboa, Caminho, 2004.
- _____, *Obra Poética*, Lisboa, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2015.
- _____, *Navegações*, [1.^a edição 2015], Lisboa, Assírio & Alvim, 5.^a edição, 2017.
- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, Porto, Porto Editora, 1978.
- CARVALHO, João Carlos F. A. de, *Ciência e Alteridade na Literatura de Viagens – Estudo de Processos Retóricos e Hermenêuticos*, Lisboa, Edições Colibri, 2003.
- MALHEIRO, Helena, *O Enigma de Sophia de Mello Breyner. Da sombra e claridade*, Alfragide, Oficina do Livro, 2008.
- PINTO, Fernam Mendez, *Peregrinação de...* [ed. fac-símile da edição de 1614], Maia, Castoliva Editora Limitada, 1995.
- SOROMENHO, Ana, “O princípio de Sophia – Textos de...”, *Revista do Expresso*, edição 2429 de 18 de maio de 2019, p. 24-34.

Recursos em rede

- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *II Colóquio Internacional Sophia de Mello Breyner Andresen*, Lisboa, 16 e 17 de maio de 2019, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7MivdxyEeP4> (acedido em 27 de maio de 2019)